

FUTEBOL E PRÁTICAS CORPORAIS NO FINAL DO SÉCULO XIX E INÍCIO DO XX EM JUIZ DE FORA/MG

Priscila Gonçalves Soares¹

Anderson Mororó²

Universidade Federal de Juiz de Fora

Juiz de Fora, Brasil

priscilagsoares@yahoo.com.br

amororo@ig.com.br

Recebido em 20 de janeiro de 2011

Aprovado em 21 de abril de 2011

Resumo

O processo de modernização de várias cidades brasileiras, ocorrido entre o último quartel do século XIX e as primeiras décadas do século XX, foi um movimento típico destes anos e guarda relações diretas com a identificação das práticas corporais enquanto hábitos a serem apreendidos e praticados. Inserido dentro desse contexto de Modernidade, o presente trabalho procurou analisar o desenvolvimento do futebol em Juiz de Fora, mais precisamente no intervalo entre 1894 e 1915. Como base em análises desenroladas sobre o *Pharol* e *Jornal do Commercio*, importantes periódicos locais, além de contribuições de vários autores, procuraremos compreender o papel desempenhado pelo futebol no desenvolvimento das práticas corporais na Manchester Mineira.

Palavras-chave: educação; práticas corporais; futebol.

Abstract

Football and bodily practices in the late 19th Century and early 20th century Juiz de Fora/MG

The process of modernization of Brazilian cities, which occurred between the last quarter of the nineteenth century and the first decades of the twentieth century was a move typical of these years and kept direct relationships with the identification of bodily practices as habits to be learned and practiced. Inserted in this context of modernity, this paper was to analyze the development of football in Juiz de Fora, more precisely in the interval between 1894 and 1915. As based on the analysis *Pharol* peeled

¹ Faculdade de Educação Física.

² Mestrando em Educação Física.

and *Jornal do Commercio*, major local newspapers, as well as contributions from other authors, seek to understand the role played by football in the development of bodily practices in the Manchester from Minas Gerais.

Keywords: education; bodily practices; football.

Juiz de Fora/ MG – Possibilidades históricas

Segundo Oliveira (2006), nos anos iniciais do século XVII foram organizados os primeiros grupos colonizadores na região de Juiz de Fora. Este período coincide com a distribuição de terras (sesmarias) que margeavam o Caminho Novo das Minas. Estas sesmarias tinham pouco valor, mas conferiam *status* diante das autoridades locais. Tanto que no século XVIII este território se torna um grande latifúndio sob domínio de Antônio Vidal e depois de Antônio Dias Tostes.

Este território abrangia grande parte do arraial de Santo Antônio do Paraibuna, a população deste dedicava-se à criação de animais e produção de gêneros alimentícios.

O autor também nos mostra que, desta forma, delimitou-se um território que assumiria características mais urbanas. A divisão do território em sesmarias facilitou este processo urbanizador na construção da Estrada Nova que ligaria a região norte a região sul da cidade. Esta obra propiciou a mudança de tropeiros que antes habitavam somente o lado esquerdo do Rio Paraibuna para a ocupação também do lado direito do rio, formando um novo núcleo que se transformou no principal eixo de desenvolvimento do município nas décadas seguintes.

Ainda segundo Oliveira (2006), em 1850, Juiz de Fora é elevada à categoria de vila e deixa de ser parte da administração de Barbacena. Somente três anos depois foi criada a primeira legislatura da Câmara Municipal da futura cidade.

Entre 1853 e 1872 a população da *freguesia de Santo Antonio do Paraibuna* – que englobava os moradores da cidade, dos povoados e das áreas rurais do distrito-sede do município de Juiz de Fora -, experimentou um notável crescimento de 190,36%, passando de 6.466 para 18.775 pessoas, numa média de 10,02% ao ano. No mesmo

período, o incremento anual médio da população livre (19,76%) foi bastante superior ao da população cativa (4,11%) nessa freguesia, que, em menos de duas décadas, elevou sua participação percentual no total de habitantes recenseados no município de 23,26% para 44,01% (OLIVEIRA, 2006, p.3).

Christo (1994) nos mostra que, se pensarmos nestes números, perceberemos que diferentemente da cultura colonial mineira, Juiz de Fora se desenvolve e adquire ares de cidade e assim, entendemos o porquê que em pouco tempo (devido à representatividade, imponência, prosperidade e civilidade) Juiz de Fora chega a ser considerado o maior centro cultural do Estado.

O processo de desenvolvimento de Juiz de Fora se difere em comparação ao restante do estado. Isso se deve, em grande parte, devido à construção de um sistema viário muito moderno para a época que liga Juiz de Fora ao Rio de Janeiro. Blasenheim (1982), Christo (1994) e Oliveira (2006) mostram que esse sistema se iniciou em 1861 com a inauguração da estrada União e Indústria e, em 1875, a inauguração da Estrada de Ferro D. Pedro II, além de agilizar e melhorar a qualidade do transporte de cargas do interior de Minas Gerais para o Rio de Janeiro, estreitou os laços entre as regiões próximas.

Assim como Berman (1986) destaca a fluidez do tráfico pelo centro de Paris através da construção dos *boulevares*, podemos também perceber que Juiz de Fora investia na modernização de suas instalações urbanas permeada pela construção de seus próprios *boulevares*.

Outro fator relevante para o desenvolvimento da cidade foi o capital de giro que, através das práticas comerciais, propiciou o crescimento de um mercado urbano pautado pelo consumo dos trabalhadores, imigrantes, fazendeiros, cafeicultores.

Miranda (1990) peculiarmente elucida que

a despeito de todas as carências na infra-estrutura urbana aos poucos a cidade amplia a concentração de fatores indutores das atividades industrial que seria sua marca registrada nas décadas posteriores. Trata-se em primeiro lugar de um sistema viário, já iniciado com a rodovia União Indústria e complexificado posteriormente com a extensão dos trilhos da estrada de ferro D. Pedro II para a cidade integrando-a às regiões próximas, o que ocorreu em 1875. Em segundo lugar a existência de uma base de acumulação de capitais originários da atividade comercial, de imigrantes europeus e da cafeicultura regional. Em terceiro lugar, desenvolveu-se um mercado urbano em potencial tanto em termos de consumo como de mão de obra para a indústria nascente que pode ser indicado pelas cifras supra citadas relativas ao crescimento da população urbana (p. 100).

Com a construção da Estrada União e Indústria e o incremento da população urbana, os ares cosmopolitanos da capital do Império chegavam de forma mais rápida a Juiz de Fora, passagem obrigatória dos produtos que eram levados do interior para a capital ou que eram trazidos da capital para o interior.

Nesta perspectiva de progresso assim como na Europa, Juiz de Fora vivia um momento de grandes transformações. As relações comerciais eram cada vez mais fortificadas e novos comerciantes começavam a se destacar. O comércio traz para a cena urbana da cidade as vitrines que, assim como em Paris e no Rio de Janeiro, eram a nova sensação para os olhos dos consumidores.

As vitrines fascinavam os transeuntes, o objeto de desejo de consumo era, pela primeira vez, colocado tão diante dos olhos dos juizforanos e tão longe do toque que os levava a consumir pela beleza da vitrine. Para adquirir o produto da vitrine era preciso entrar na loja e comprá-lo, firmando uma relação de consumo não mais permeada pela necessidade e sim pelo belo, pelo impulso, pelo poder.

De acordo com Christo (1994), o vai e vem da cidade era anunciado pelos apitos das fábricas, que marcavam o tempo e direcionava a disciplina dos trabalhadores. Os sinos das igrejas, característicos do interior de Minas Gerais, pareciam não ser ouvidos

em Juiz de Fora. O som se confundia com os tamancos dos trabalhadores ao entrar ou sair das fábricas, fato que, segundo alguns autores como Christo (1994), aproximam a cidade de Juiz de Fora do contexto das grandes capitais e a afasta da mineridade marcada por sinos de igrejas.

Tal fato pode explicado, Juiz de Fora está localizada em uma área privilegiada. Seu desenvolvimento tanto urbano quanto econômico justifica-se principalmente pela grande produção cafeeira da zona da mata no final do século XIX que transitava pela cidade até chegar ao Rio de Janeiro. Este é um ponto que distancia os juizforanos de uma identidade mineira, permeada pela atividade de mineração.

Ainda segundo a autora, nos primórdios do século XIX, quando se iniciou o sistema agroexportador, o café abarcava apenas 3% das exportações, dentre as quais as principais eram a pecuária, laticínios e produtos agrícolas. Em apenas 30 anos, a Zona da Mata Mineira passa à condição de principal produtora cafeeira com 45% da produção de café do Estado. Destes, 99,7% era para o mercado externo e somente 0,17% da região sul e 0,04 da norte.

Nesse contexto, Juiz de Fora se torna posto de armazenamento, escoamento e venda de café, o que possibilitou um capital de giro capaz de auxiliar o desenvolvimento da cidade em vários setores, dentre os quais podemos citar: alimentício, bebidas e têxtil. Entre esses se destaca o grande desenvolvimento da indústria têxtil-fábrica, colocando Juiz de Fora como o principal núcleo industrial do estado.

Observamos que, não por acaso, Juiz de Fora se desenvolveu com os olhos voltados para o Rio de Janeiro, seja na perspectiva de escoamento de produtos ou de importar maquinários. De acordo com Christo (1994), a cidade mineira adquire e

mantém costumes e hábitos que a aproxima mais de uma identidade carioca que propriamente mineira:

Sebastiana remexe lá dentro um colherão de pau, gira, gira, Sebastiana dia que tem vontade doida de ir a Minas Gerais, Mamãe diz: mas Sebastiana você mora em Minas Gerais, ué gente, eu pensava que eu morasse em Juiz de Fora [...] (CHRISTO apud MENDES, 1968, p. 20).

E essas aproximações não se restringem somente ao Rio de Janeiro. Devido ao grande desenvolvimento urbano e industrial da cidade Juiz de Fora, esta foi comparada às grandes metrópoles, recebendo elogios que vão de “Manchester Mineira” a “Atenas de Minas”.

[...] o desenvolvimento extraordinário de atividades urbanas capazes de conferir à cidade o estatuto de “Manchester Mineira”, “Barcelona Brasileira”, “Princesa de Minas” e “Atenas de Minas” entre outros codinomes deu-se graças, sobretudo ao aprofundamento das atividades mercantis que foram sustentáculo da constituição do pólo urbano, e das atividades industriais que garantiram à cidade o papel de maior pólo industrial mineiro até as primeiras décadas do século XX (MIRANDA, 1990, p. 122).

Esse processo de crescimento econômico da cidade teve reflexos na área central da cidade, a partir de 1876. Segundo Oliveira (2006), a cidade era marcada por epidemias, insalubridade, analfabetismo, entre outros. Assim, diversas medidas foram tomadas para criar condições de infraestrutura na cidade, desenvolver as atividades comerciais, agrícolas e manufatureiras; também aproximar de padrões de salubridade, tecnologia, segurança e formas das potencias capitalistas européias.

O ideal da burguesia emergente de Juiz de Fora era justamente civilizar. Mas para eles, civilizar era se aproximar e se identificar, principalmente, estar nos moldes do Rio de Janeiro:

Assim, civilizar-se significava estar próximo à vida mundana do Rio de Janeiro, se prendendo nas teias de um “colonialismo interno”; ser

“carioca do brejo”, ser um “trecho de terra cercado de piano por todos os lados [...]” (CHRISTO, 1994, p. 12).

Christo (1994), Oliveira (2006) e Silva (2006) nos mostram que, por conta dos investimentos e das melhorias que estavam sendo realizadas na cidade, houve um maior desenvolvimento dos serviços. Em 1881, damos destaque a Companhia Ferrocarril Bondes de Juiz de Fora. Em 1883, o telefone chegou à cidade através da Companhia Telefônica do Brasil. Com grande circulação de divisas, dois bancos foram fundados: o Territorial e Mercantil de Minas (1887) e o Credito Real de Minas (1889). O serviço de iluminação pública foi impulsionado pela criação da primeira usina hidrelétrica da América Latina, a Companhia Mineira de Eletricidade (1889).

Nesse fervor de desenvolvimento as doenças não deixavam de assolar o território juizforano e as epidemias eram constantes: febre amarela, cólera, varíola e peste bubônica. Com tantas pestes assombrando a cidade, era difícil estimular a vinda de novos imigrantes e até mesmo manter a mão de obra. Tal situação era um limitador para o desenvolvimento do capital interno.

De acordo com Christo (1994) e Silva (2006), pautada por ideais sanitaristas e higienistas, em 1889 foi criada a Sociedade de Medicina e Cirurgia de Juiz de Fora. Esta instituição era responsável pela

[...] inspeção de escolas, fábricas, prisões, asilos, serviços de vacinação e revacinação e a fiscalização do exercício ilegal da medicina. Assim, previa-se uma ampla área de atuação que pretendia a mudança de hábitos, a formação de cordões sanitários, tudo desde que não interferissem caso sua ação representasse restrições ao capital. A intervenção higiênica no espaço privado, em especial nas casas coletivas, começava com a necessidade de licença para construção e posterior inspeção para averiguação das condições de higiene [...] (SILVA, 2006, p. 4).

Desta forma observamos uma preocupação vigente das autoridades em relação à salubridade da cidade que se desenvolvia com os olhares sempre voltados para a identificação com o modelo desenvolvido na cidade do Rio de Janeiro.

Juiz de Fora é uma cidade híbrida em um contexto cultural que se aproxima da modernização e civilização do Rio de Janeiro e que, ao mesmo tempo, resguarda valores que a aproxima da “mineiridade” de Belo Horizonte e do interior do Estado.

De acordo com Christo (1994), as práticas de diversão são um exemplo desse processo, já que os juizforanos se identificavam mais com as diversões comuns no contexto carioca do que com as festas barrocas mineiras. Os trabalhadores se divertiam nos circos de cavalinho, cervejarias e piqueniques, enquanto a elite frequentava os teatros e saraus. A distinção social também atravessava o campo das práticas de diversão.

Uma elite em plena ascensão, composta por cafeicultores, capitalistas, comerciantes e investidores, procurava formar-se, expandir-se e estabelecer seu lugar social.

Ser “culto” e ter domínio das letras também eram formas de distinção. Christo (1994) nos mostra que em 1909 um grupo de doze intelectuais criou em Juiz de Fora, aos moldes da Academia Brasileira de Letras, a Academia Mineira de Letras (AML). Estes doze intelectuais eram as pessoas que tinham maior representatividade dentro da política, da educação e da imprensa local. A inauguração da AML foi realizada em 13 de maio de 1910, no Teatro de Juiz de Fora e foi prestigiado por todas as autoridades da cidade bem como representantes do governo de Minas Gerais, imprensa do Rio de Janeiro, de Belo Horizonte e de Juiz de Fora.

Ainda para a autora, a questão política era outro fato interessante na cidade, uma vez que naquele período da República Velha os fazendeiros e industriais dominavam a câmara municipal. Com a crise cafeeira no final do século XIX e início do XX outros grupos começaram a despontar, como os comerciantes e profissionais liberais, e ocupar espaços na política reduzindo, de certa forma, a hegemonia vigente.

Práticas corporais e Educacionais em Juiz de Fora/MG

Sobre a educação escolar, predominava ainda nesse tempo a aprendizagem das primeiras letras na família e/ou através dos professores particulares. Somente a partir de 1891, como demonstram Crespo e Yazbeck (2003), a educação elementar passa a ser responsabilidade de Estado pela constituição republicana. Diante da necessidade de consolidar a República e de transformar a realidade da educação no estado que envolvia a precariedade do espaço físico das escolas e o elevado índice de analfabetismo, no ano de 1906, pautado pela reforma educacional de João Pinheiro, a partir de sugestão e análise de Estevam de Oliveira e também das reformas realizadas em São Paulo e Rio de Janeiro, Juiz de Fora foi escolhida para sediar o primeiro Grupo Escolar do Estado.

A escola passa a se afirmar perante a sociedade.

O Grupo Escolar tinha uma função social bem definida: fazer bons cidadãos e, acima de tudo, bons trabalhadores. O ensino elementar era concebido a partir de uma missão moralizadora e civilizatória onde o discurso liberal era sobreposto pelos mecanismos disciplinadores – era preciso formar o cidadão submisso aos moldes impostos pela camada dominante. A visão que se possuía da escola se aproximava da visão do funcionamento de uma fábrica: a hierarquia, a obediência, a disciplina, os bons hábitos (YAZBECK, 2003, p. 668).

De acordo com as autoras, em 5 de fevereiro de 1907, foi criado o Grupo Escolar Delfim Moreira e em 23 de março do mesmo ano foi criado o segundo Grupo Escolar na cidade, o Grupo Escolar José Rangel.

Em Juiz de Fora, a segunda fase da industrialização da cidade está também diretamente ligada à educação, permeada pelo desenvolvimento de uma melhor infraestrutura. É nesta fase que observamos a criação de escolas secundárias e superiores. Para além desta questão, temos a ruptura entre Estado e Igreja, no contexto republicano, o que facilitou a laicização do ensino.

De acordo com Christo (1994), o Instituto Granbery, fundado em 1890, de cunho Metodista e aliado aos métodos de ensino americano, se aproximava dos ideais liberais e foi responsável pela introdução dos ensinos superiores na cidade. Em 1904 foi fundada a Faculdade de Farmácia e Odontologia do Granbery, cujos cursos duravam cerca de dois anos. Esta é parte de um projeto voltado para estabelecer uma Universidade na cidade. Tal iniciativa partiu da Igreja Metodista Episcopal do Sul dos Estados Unidos que já mantinha uma Faculdade de Teologia e em 1912 criou a Escola de Direito do Granbery.

Ainda de acordo com a autora, a Academia do Comércio (1894), baseada na educação dos métodos católicos, tinha o mesmo objetivo de formar lideranças que o Granbery. A Academia foi o primeiro estabelecimento no Brasil que tinha como finalidade formar negociantes, banqueiros, diretores e empregados para a indústria e comércio.

Como já citado anteriormente, Yazbeck (2003) nos mostra que, pautado na educação dos futuros trabalhadores, destacam-se os Grupos Escolares fundados em 1907. O ensino era voltado para uma missão civilizadora, moralizadora e disciplinadora.

Nesse momento, o discurso médico impunha suas idéias em prol do melhoramento urbano: secagem dos pântanos, rede de água e esgoto, cemitérios, higiene pública e educação.

Vargas e Cunha Junior (2007) ao analisarem o pensamento dos agentes vinculados à Sociedade de Medicina e Cirurgia de Juiz de Fora sobre as práticas corporais, enfatizam a importância dada à disciplina Educação Física, especialmente aos exercícios ginásticos. Estes saberes passam a ser mais presente nas instituições educacionais de Juiz de Fora e conta com a defesa dos médicos na perspectiva da saúde e da higiene.

A revisão da literatura efetuada nos permite perceber a modernidade em Juiz de Fora através das mudanças na sua paisagem urbana, do desenvolvimento do seu comércio e indústria, da abertura de ruas e estradas, do incremento do sistema de transportes, da proliferação de instituições educacionais, do aumento das atividades de diversão e da valorização do exercício corporal via discurso médico. Esses fatores, como vimos, coincidem de certa maneira com aqueles vivenciados em cidades européias e no Rio de Janeiro. Soares (2010) estudou as práticas corporais e de diversão em Juiz de Fora através dos jornais, em especial, do *O Pharol*. Este investimento de caráter inédito visou levantar e examinar as práticas divulgadas pelo jornal entre 1876 e 1915; este estudo serviu como base para este artigo.

É preciso notar que em 1889 foi fundada na cidade de Juiz de Fora a *Sociedade de Medicina e Cirurgia de Juiz de Fora* (SMCJF), instituição criada por médicos, farmacêuticos, veterinários e dentistas com as finalidades de debater a ciência médica e desenvolver um projeto que, através da “Higiene” e da “Educação Sanitária”, colaborasse para o desenvolvimento de Juiz de Fora (QUEIROZ, 1986). E como demonstraram os pesquisadores Vargas e Cunha Junior (2007), a SMCJF e seus filiados defenderam e divulgaram as práticas corporais, especialmente a ginástica, como meio de elevar o nível da saúde da população juizforana.

Várias instituições educacionais privadas de Juiz de Fora noticiaram suas atividades, apresentando, inclusive, os exercícios ginásticos como um dos seus componentes curriculares. É o caso do Collegio Hermes, como notamos na imagem a seguir:

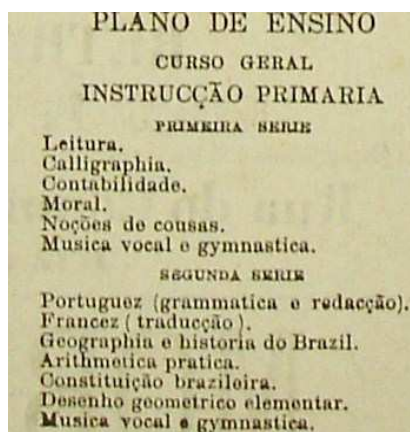


Figura 1: Plano de ensino
Fonte: *O Pharol*, 15/01/1885, p.4.

Em 1910, encontramos a referência da Escola D. Maria do Carmo Menezes, que havia investido em materiais e equipamentos para a prática da ginástica, o que, segundo o jornal, era “coisa inigualável no Estado”.

Escola D. Maria do Carmos Menezes

Já se acham installados na Escola aparelhos de gymanastica, que farão della uma cousa inegualavel no Estado, mesmo em estabelecimentos officiaes. Assim, vimos, ali ante-hontem, os seguintes aparelhos: três barras fixas, três barras paralelas, três cavallos, uma batuta de molas, quatro batutas pequenas, cinco colchões para lutas, uma amarração de duas mesas, dois pares de estantes para pular, argolas, trapézios, cordas, duas escadas grandes, duas collocadas na paredecom movimento automático; alteres de 5 até 100kilos, medidor de altura; um passo gigante, 100 garrafas de madeira, 100 ferros, 100 alteres pequenos, para exercícios flexíveis; quatro cadeiras para pyramides, tres obstáculos para corrida, um jogo para lança, uma gangorra: diversos aparelhos de natação, dois bancos para gymnastica sueca, varas para pulso de altura, um cavallete para equilíbrio e muitos outros diversos aparelhos (*O Pharol*, 12/08/1910, p. 1).

Registramos que os argumentos, exemplos e referências à ginástica não são comuns no *O Pharol*. A maior parte dos registros no jornal sobre as práticas corporais

ressalta seus aspectos de entretenimento e de espetáculo. Através da leitura do periódico local, notamos que as práticas corporais são evidenciadas pelas instituições educacionais. Os exercícios físicos eram elementos essenciais nos currículos das escolas, sendo recomendados por médicos e educadores da época, que reconheciam a importância no destas atividades para o desenvolvimento da saúde e dos valores morais.

Futebol e Educação em Juiz de Fora/MG

Na perspectiva histórica que adotamos em nosso trabalho, muito nos importa as pistas, os indícios e os vestígios de práticas desse esporte anteriores a Charles Muller e Oscar Cox. Mas nossa análise não se volta para perseguir as origens do futebol brasileiro e é importante frisar esta afirmação, pois em Juiz de Fora convivemos com a ideia de que o Colégio Granbery teria sido palco da primeira partida do esporte no ano de 1893:

Inaugurou *Foot-ball and Tennis*. O primeiro *field Day* realizou-se em 24 de junho de 1893, com saltos, corridas, *indianclubs*, *tennis*, *football* entre gregos e troianos. Essa frase está no primeiro livro de Atas do Granbery. O que era aparentemente uma afirmação simples de nosso primeiro reitor, John McPhearson Lander, ganha destaque se lembrarmos que o primeiro jogo de futebol no Brasil foi realizado em 15 de abril de 1895 entre funcionários de empresas inglesas que atuavam em São Paulo. Significaria arriscar dizer que, com base nos documentos históricos preservados até hoje, a primeira partida de futebol no Brasil ocorreu na verdade aqui no Granbery, em 1893 [...] E, se desconsiderarmos o primeiro jogo de futebol, em 1893, ao menos a primeira partida do estado de Minas Gerais é nossa: em 1894, entre dois times de alunos da própria Instituição.³

Não localizamos no *O Pharol* comentários ou notícias a respeito do futebol em Juiz de Fora antes dos primeiros anos do século XX. Em 27/11/1904, há uma nota que destaca a fundação do *Athletic Club* Juiz de Fora. Tratava-se de um clube de futebol que

³ O Granberense, ano 76, n.1, abr. 2007.

organizava jogos para seus associados num terreno de propriedade do Manoel Honório de Campos.

Mas essa partida presente na Ata do Colégio Granbery pode a nos levar a alguns apontamentos iniciais sobre as origens do futebol em Juiz de Fora. O primeiro está relacionado com a introdução do futebol em terras juizforanas que pode ter acontecido através do Colégio Granbery, outra tange a imigração alemã que ocorreu em meados do século XIX para construção da estrada União e Indústria, e por último, uma identificação com as práticas corporais que já aconteciam no Rio de Janeiro.

Não estamos procurando colocar Juiz de Fora na vanguarda na transposição do esporte bretão para os relvados brasileiros. Santos Neto (2002) nos revela que o exercício do futebol em colégios era praticado em instituições paulistas bem antes de do evento efetuado no colégio Granbery.

O que procuramos invocar com a partida realizada em 1893 é, talvez, demonstrar certa independência que Juiz de Fora tinha em relação às grandes metrópoles brasileiras, principalmente ao Rio de Janeiro. Como foi dito acima, a capital carioca sempre foi um modelo a ser seguido pelos juizforanos. Mas essa relação não era sempre contínua. Ela presencia momentos de certa autonomia, como o apresentado na ata do colégio Granbery. Então, defendemos com base neste dado, que a cidade mineira tinha momentos que seguia seu próprio ritmo de crescimento.

O outro apontamento elucidado está na relação entre o Granbery e as práticas corporais em Juiz de Fora, que nos remonta a importância desta instituição na formação física dos alunos desta instituição. Apesar de ainda ser um estudo embrionário, podemos considerar que este colégio é uma das pioneiras ao introduzir diversos esportes em seu espaço.

Considerações finais

O trabalho acima busca fazer um resgate de alguns pontos assaz significantes na construção de uma história pautada na valorização das atividades físicas dentro do ambiente escolar. Iniciamos com um relato bastante significativo que procura demonstrar a importância da cidade de Juiz de Fora dentro do cenário estadual na transição do século XIX para o XX.

Nesta atividade de contextualização buscamos elucidar o leitor para a adequação da Manchester Mineira aos padrões defendidos pelos modernistas europeus e norte americanos, que procuravam, além de uma inovadora concepção urbanística, uma nova forma de sociedade, não baseada na simples subsistência, mas em uma forma de vida fundamentado no pressuposto capitalista do consumismo. Em Juiz de Fora o espírito moderno fica claro quando presenciamos, através de periódicos, o alargamento e calçamento das principais vias, a introdução da primeira usina hidroelétrica de uso público da América latina, na criação da Sociedade de Medicina e Cirurgia, na sua vocação para a indústria e na criação de inúmeras instituições educacionais.

Seguindo este espírito moderno o tratamento do corpo não poderia ser algo relevado ao segundo plano. Na Europa, as preocupações dos cientistas, desde meados do século XIX, se voltaram para a saúde corporal. As práticas corporais seriam instrumentos ideais para essa finalidade. Com isso foram surgindo diversos esportes, como o ciclismo, tênis e o futebol. Este último já era utilizado desde o século XIX em colégios ingleses. Além de ser um excelente exercício físico, pois trabalha com raciocínio, controle e força física era um instrumento assaz importante para a disciplina dos alunos.

Logo, a união das práticas esportivas com instituições educacionais não demoraria a aportar no Brasil. Após a reforma educacional proposta pelo Barbosa Lima em 1882 as práticas esportivas passaram a ser implementadas em colégio brasileiros (SANTOS NETO, 2002). As instituições locais, buscando seguir o espírito modernista estrangeiro, logo estariam adicionando os esportes em seus currículos educacionais.

Neste trabalho procuramos valorizar Instituto Granbery pelo seu pioneirismo com relação às práticas esportivas em seu espaço. Este colégio foi à primeira instituição educacional local a emanar, entre o seus alunos, o gosto pela atividade física. A introdução desta está ligada a dois fatores preponderantes: primeiro, a buscava-se introduzir em seus alunos os ideais de moral e civilidade. Em segundo, ambicionava-se um controle sobre a disciplina dos mesmos.

Por isso, um trabalho sobre o Granbery é assaz importante. O seu pioneirismo não está calçado apenas no âmbito educacional. Com base na Ata de um encontro festivo e esportivo realizado em 1893, esta instituição se destaca também por ser, até o certo momento, a primeira a praticar o esporte bretão na cidade de Juiz de Fora. Este dado é a pedra angular para um trabalho mais abalizado que busca traçar a relação entre esta instituição e a esfera esportiva local.

Referências

BERMAN, Marshal. *Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade*. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.

BLASENHEIM, Peter. *Uma história regional: a Zona da Mata Mineira (1870-1906)*. 1982. Disponível em: <<http://www.asminasgerais.com.br/zona%20da%20mata/uniVlerCidades/Hist%C3%B3ria/textos/texto4.htm>>. Acesso em: 09 Mar. 2010.

CHRISTO, Maraliz de Castro Vieira. *Europa dos pobres - O intelectual e o projeto educacional dominante em Juiz de Fora na belle époque mineira*. Juiz de Fora: EDUFJF, 1994.

CUNHA JUNIOR, Carlos Fernando Ferreira da; VARGAS, Renata. A História das atividades corporais nos grupos escolares de Juiz de Fora - MG (1907-1950). In: VI Congresso Luso-Brasileiro de História da Educação, 2006, Uberlândia. VI Congresso Luso-Brasileiro de História da Educação - *Anais*, 2006.

OLIVEIRA, Luís Eduardo de. *A constituição do núcleo urbano de Juiz de Fora e sua gradual transformação em principal centro comercial e manufatureiro da província de Minas Gerais*. XII Encontro Regional de História, ANPUH, 2006. Disponível em: <www.rj.anpuh.org/resources/rj/Luis20Eduard20de%20Oliveira.pdf>. Acesso em: 04 Mar. 2010.

PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. *Footballmania: uma história social do futebol do Rio de Janeiro, 1902 – 1938*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

QUEIROZ, Julio Sanderson. de. *Memória da Sociedade de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro num Século de Vida*. Rio de Janeiro: RIOARTE/MEC, 1986.

SANTOS NETO, José Moraes. *Visão do jogo: Primórdios do futebol no Brasil*. São Paulo: Cosac & Naify, 2002.

SILVA, Maíra Carvalho Carneiro. Em Busca da Saúde. In: Encontro Regional de História, XII, 2006, Rio de Janeiro. *Anais*, Rio de Janeiro, ANPUH, 2006, p. 1-8. Disponível em: <<http://www.rj.anpuh.org/resources/rj/Anais/2006/conferencias/Maira%20Carvalho%20Carneiro%20Silva.pdf>> Acesso em: 09 Mar. 2010.

SOARES, Priscila Gonçalves. *Práticas corporais e diversão em Juiz de Fora/MG: o discurso do jornal O Pharol (1876-1915)*. 2010. 133f. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2010.

VARGAS, Renata Correa; CUNHA JUNIOR, Carlos Fernando. Cidade Salubre: Reflexões sobre educação no interior no Código Sanitário de Juiz de Fora. In: Congresso de Pesquisa e Ensino de História da Educação em Minas Gerais, IV, 2007, Juiz de Fora, *Anais*. Juiz de Fora, 2007.

YAZBECK, Dalva Carolina de Menezes. Formandos os bons trabalhadores: os primeiros grupos escolares em Juiz de Fora Minas Gerais. *Caderno de história da Educação*, nº 2, p. 99-105, jan.-dez. 2003.